

## De quem são as palavras?

Fabio Elias V. Tfouni

De quem são as palavras? Essa é a pergunta fundamental deste trabalho. Assim, cabe perguntar se se pode verificar de quem são as palavras, ou se cabe a uma proposição tética tal questão.

Trata-se acredito de um pouco de ambos: temos uma teoria e dentro dela faremos a inserção de uma proposição. No entanto a psicanálise não é só uma teoria, ela se verifica através da pesquisa psicanalítica.

Aqui, já podemos colocar nossa proposição: A palavra é do grande Outro (A).

Isto marca uma diferença com aposição de Bakhtin. Para este autor as palavras são incialmente do pequeno outro, e não há referência ao A na sua teoria. O outro que se trata em Bakhtin é sempre um outro imaginário e muita coisa é definida na relação entre pequeno outro e pequeno outro (dialogia), mal sabe Bakhtin que a relação entre pequenos outros não passa de uma ilusão, porque o outro é meu objeto, e a relação ao objeto é sempre impossivel.

As palavras são do A lugar do simbólico do tesouro do significante. O significante mestre e o traço unario são fundamentais nesse processo, pois o ste é Lei: sentencia, legifera.

O sujeito é efeito de ste, só que este mesmo efeito faz com que ele esqueça (recalque) que é esse efeito, para surgir no imaginário como sujeito livre e autônomo, o processo descrito pela psicanálise é o mesmo daquele descrito por Pêcheux no esquecimento numero um.

Se as palavras são de A, nota-se que há uma questão da repetição e do novo aí: O que o sujeito repete do grande Outro e o que trás de novo.

Trata-se assim, de comentar o que Foucault fala da repetição e coloca-lo em interlocução com o que diz Pêcheux sobre a estrutura e o acontecimento e Freud e Lacan sobre a repetição

Em Foucault, particularmente na Ordem do discurso, aparece a questão da necessidade de controlar os discursos, e de deixar algo que deve ser sempre repetido e algo

que deve permitir novos dizeres mas sempre pautados pelo já dito. Surge assim de forma paradoxal em Foucault a questão a respeito “de quem são as palavras”.

Vale seguir os passos de Freud na questão da repetição pois isto desde o bebe terá resultados sobre o futuro leitor.

A criança recém nascida detesta o diferente, seu desejo é ficar numa espécie de princípio do nirvana onde qualquer alteração no estado de “nirvana” trás insatisfação. ASSIM, A CRIANCA DESJARIA NÃO TER FOME , NÃO TER SEDE, FRIO OU CALOR.

Esse é chamado por Freud o princípio do prazer, o fato de quando surgir a fome eu mata-la o mais rápido possível para entrar no nirvana novamente.

Lacan dizia ao deu auditório que estava lhes dando o prazer (pois transmitia algo a eles e o prazer é não precisar ir atrás do conhecimento sozinho...)é o mínimo esforço.

O desamparo da criança frente ao mundo faz com que ela seja dependente do Outro, e por aí capturada em sua imagem.

Trata-se do fato de que é preciso afastar a morte, o retorno ao inanimado, assim se o bebe é desamparado, a mãe interpreta seu choro como necessidade de alimento, assim, a ç recebe do Outro sua mensagem invertida “você chora porque tem fome”. Aqui esta situada a captura do sujeito pelo Outro. A ç precisa encontrar um lugar no desejo do Outro para não morrer. A criança recebe o ste do outro como verdade e no mínimo esforço.

Assim, a verdade pode vir tanto da mãe, como do dos textos fundadores que dão a possibilidade de discursos e interditam discursos novos.

O que Abreu comenta é que o controle de que Foucault fala é impossível na medida em que a incompreensão é a esencia da linguagem.

Sobre os significante mestre e o traço unário vale dizer com Lacan:

"O Outro, como sítio prévio do puro sujeito do significante, ocupa a posição mestra, de dominação, antes mesmo de ter acesso `a existência, para dizê-lo com Hegel e contra ele, como absoluto senhor/mestre. Pois o que é omitido na mediocridade da moderna teoria da informação é que só se pode sequer falar de código quando este já é o código do Outro; ora , é de algo bem

diferente que se trata na mensagem, uma vez que é por ela que o sujeito se constitui, uma vez que é do Outro que o sujeito recebe a própria mensagem que emite. E estão justificadas as notações A e s(A)."p 821

O que ocorre é que há uma identificação com Outro, uma identificação simbólica que forma o ideal de eu (estudado em classe), assim o sujeito recebe as palavras do Outro como uma missão a cumprir:

"I(A) equivale a uma identificação simbólica, à identificação do sujeito com algum traço significante (I) do grande Outro, da ordem simbólica. Esse traço é aquele que de acordo com a definição lacaniana do significante, "representa o sujeito para um outro significante"; ele assume forma concreta num nome ou numa missão de que o sujeito se encarrega e/ou que é depositada nele. Essa identificação simbólica deve ser distinguida da identificação imaginária i(a), que fica inserida entre o eu (m) e seu outro imaginário i(a) completa a identidade -consigo-mesmo do sujeito" (Zizek p103)

Assim se o sujeito for neurótico e não perverso ou psicótico como vimos em classe, ele terá o aparelho da linguagem completa e sua significação será sempre metafórica e metonímica. Isto faz com que por metonímias o sujeito nunca chegue ao ste original. O que faz com que o texto fundador seja inatingível.

Nota-se que como diz Abreu há uma procura de um tesouro secreto nos textos. Trata-se a nosso ver da procura do objeto escondido no Outro.

Estamos com isso, fazendo uma relação do sujeito ao objeto, situando o fantasma (\$) em relação a "a" ).

Sobre isso vale dizer que o sujeito é falado, não fala. Mas isto no assujeitamento. O histérico foge do assujeitamento perguntando "Porque eu sou o que você me diz que sou?".

Assim, que se dirige ao analista é \$, o sujeito do inconsciente, na busca do saber. Isto mostra que, se queremos avançar no saber, temos que histericisar os discursos. Por que faz-se assim, com que o sujeito fale, palavra plena, oposto de palavra vazia.

Tudo isto que estamos falando sobre assujeitamento, talvez se encaixe no que Bakhtin fala sobre a palavra autoritária (Abreu, 1999). No entanto Bakhtin coloca outras classes de palavras como se houvesse a possibilidade de na dialogia se formar um eu não alienado ao outro (acreditamos, nós, na alienação). Isto é impossível segundo a teoria do desamparo do bebe.

A teoria do desamparo do bebe pode mostrar outras coisas: por exemplo podemos partir da pergunta de Marx “Porque o trabalho se transforma em mercadoria?”, Nossa pergunta relacionada a essa é: Porque o desejo se transforma em mercadoria? Assim, notamos que o trabalho se transforma em mercadoria porque ele é uma mercadoria a mais, entre as outras, é vendido no mercado de trabalho, o sentido de o desejo se articula em mercadoria não está num paralelismo com o trabalho, mas esta fundamentado na teoria do desamparo. Se a criança chora e a mãe impõe um sdo a esse choro: “você chora porque esta com fome”, então a criança tem seu desejo alienado ao outro, é o outro que diz à criança qual é seu desejo. Assim, o consumidor tem seu desejo alienado ao outro, ao outro da propaganda ou de uma simples necessidade de comprar. É o slogan que diz ao sujeito qual é o seu desejo. Ao contrario de um sujeito livre que sabe qual é esse desejo.

Outro problema de Bakhtin é que ele diz ser possível, conforme La rossa, uma pedagogia onde se possa traduzir o texto para nossas próprias palavras. Será que isso significa que teríamos todos metalinguagens para interpretar o texto? A metalinguagem não existe, já que para criar uma linguagem superior não outro recurso senão a própria linguagem. Como fica a apropriação?

Discordo de Bakhtin sobre a questão da letra viva e da letra morta, acredito que é precisamente uma letra morta que nos penetra e nos constitui. Isto pode ser notado no automatismo sibólico em Lacan, e no fato de que nossos pensamentos mais profundos são exteriores e supreficiais.

Sobre o automatismo do simbólico é fundamental afirmar que, para nós, assim como para Lacan, há autonomia do significante, ou seja o simbólico funciona a despeito do significado, como puro jogo combinatório. Isso é uma das coisas que faz com que o slogan, através de metáforas e metonímias, penetre no inconsciente do sujeito. Vejamos Pascal e depois o comentário de Zizek:

“Pois não devemos nos enganar sobre nós mesmos: somos tanto autômato quanto mente. (...) As provas convencem apenas a mente; o hábito fornece as provas mais sólidas, e aquelas em que mais se acredita. Ele dobra o autômato, que inconscientemente leva a mente consigo.”(Pascal, 1966, apud Zizek, op. cit.)

Diz Zizek:

“Pascal produz aí a própria definição lacaniana do inconsciente: “o autômato (isto é, a letra morta e sem sentido) que inconscientemente [*sans le savoir*] leva a mente consigo”. Desse caráter constitutivamente sem sentido da Lei, decorre que devemos obedecer a ela, não porque seja justa, boa ou sequer benéfica, mas simplesmente *porque ela é a lei* — tautologia que articula o círculo vicioso de sua autoridade, o fato de que o fundamento último da autoridade da Lei reside em seu processo de enunciação.”(op. cit., p.318).

A palavra que nos penetra, mostra muito bem zizek é um pensamento radicalmente exterior a nos como a abstração real presente na forma mercadoria. Toda mercadoria é sujeita a abstrações, na medida em que o que se troca não é um bem que se degrada e se transforma, mas um bem estático, idealizado.

Assim sendo, a abstração presente nas trocas de mercadoria é algo que vai além de uma teoria, o inconsciente do sujeito trascendental, é algo da prática, não se trata de algo localizado na mente do sujeito. Diz Zizek:

“Em outras palavras, na estrutura da forma mercadoria é possível encontrar o sujeito transcendental: a forma mercadoria articula de antemão a anatomia, o esqueleto

do sujeito transcendental Kantiano – isto é, a rede de categorias transcendentais que constitui o arcabouço *a priori* do conhecimento científico “objetivo.” (op. cit., p. 302)

Aqui está a alienação do sujeito a essa abstração: o fato de que os sujeitos não sabem o que fazem porque são fetichistas na prática, imaginam que o dinheiro é a encarnação da riqueza. As coisas acreditam em nosso lugar (não somos nós que acreditamos), aqui está a formula fetichista: Relações de coisas no lugar de relações de pessoas.

Diz Zizek:

“Assim, no plano do dia-a-dia, os indivíduos sabem muito bem que há relações entre pessoas por trás das relações entre as coisas. O problema é que em sua atividade social, naquilo que fazem, eles agem como se o dinheiro fosse a encarnação da riqueza como tal. Eles são fetichistas na prática, e não na teoria. O que “não sabem”, o que desconhecem é o fato de que, em sua própria realidade social, em sua atividade social – no ato de troca da mercadoria –, estão sendo guiados pela ilusão fetichista”.(op. cit., p. 314-5).

O mesmo ocorre com os livros ou autores: supomos em geral que um livro ou seu autor, em termos de um nome próprio, são a encarnação de uma riqueza: do saber. O que esquecemos é que estamos guiados pela ilusão fetichista. Ou seja, é preciso apontar que por detrás de um livro ou autor, há relações entre pessoas, são essas relações que fazem o conhecimento. No entanto essas relações desaparecem diante de nós e o que vemos é um saber que tem vida própria.

#### O significante, amercadoria e origem do sujeito

Inicialmente vamos dizer que Lacan afirma que significante é o que significa o sujeito para outro ste. Como saber se é S1 que define o sujeito para S2 ou o contrário?

Aparentemente é S1, no entanto S1 está em desnível com S2, há uma dissimetria entre eles na medida em que S1 é o ste da excessão aquela fora da lei a qual todos os outros se referem, portanto é S2 que significa o sujeito para S1. Qual é o sentido de toda

essa discussão? É a de que se pode tomar dois stes como opostos, mas na realidade eles não são opostos porque há DISimetria. Assim, o oposto de um ste é o vazio que lê deixa, vazio que é ocupado pelo sujeito, pois sujeito se define como descontinuidade se significante. Assim, a lógica do ste e a troca de mercadorias podem passar por opostos S1 opoe-se a S2 mercadoria A opõe-se a mercadoria B, mas o que faz surgir sujeito de desejo é o fato de que o ste fundamental da psicanálise o falo não tem oposto, daí que seu opsto é o sujeito desejante a histérica. Diz Zizek:

"Em ambos os casos, uma contradição inicial – valor de uso/valor (de troca) da mercadoria; significante/lugar vazio de sua inscrição, isto é, S/\$ - se coloca como mínimo estrutural da diáde: uma mercadoria só pode exprimir seu valor (de troca) pelo valor de uso de outra mercadoria; para um significante, é sempre outro significante que representa o sujeito ( seu lugar vazio)...O jogo do singular e do plural, bem como a troca dos papéis entre S1 e S2 nas diferentes variações da formula do significante podem ser, por conseguinte, sistematizados pela referência ao desenvolvimento da forma-valor em Marx."

p.76

Uma das questões relativas a isso que zizek discute é se a res cogitans, ou aquilo que pensa, tem uma identidade com as coisas do mundo, se é uma coisa a mais ou não.

Assim, trata-se de uma maneira de refletir sobre a continuidade ou descontinuidade do sujeito com o mundo. A questão de fundo presente é se há uma junção como aparece em descartes da noção de cogito com aquilo que pensa. Ou se pelo contrario como em Kant há ai um impossível.

Trata se da distinção entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, o sujeito do enunciado é o recheio mundano do sujeito da enunciação.

Para que o leitor entenda melhor o nosso ponto, devemos dizer que zizek discute os filmes nior onde há uma lacuna entre o sujeito e o que ele realmente é. EM blade runner, Harrison Ford imagina que é um caçador de replicantes e descobre no final que ele mesmo é um replicante.

Assim o autor conclui que a maioria de nossos desejos e memórias São implantados (pelo capital). Cita também a revista time que diz que todos nos precisamos de histórias, de ficções e que não as tem praticamente não existe.

Aí esta a ligação da questão de “o que pensa” com a cultura popular e com o slogan de modo que o slogan de certa forma preenche nosso pensamento nossa fantasia. Assim, é que pretendemos seguir o descompasso radical entre aquilo que pensa e o sujeito do enunciado.

Descartes foi o primeiro a abalar a estrutura de nossa concepção de ontologia ao propor um gênio maligno que pensa por nós. No entanto a identidade entre o cogito e a substância pensante desfaz a radicalide desse pensamento. É em Kant que fica clara a distinção entre o “penso” e “aquilo que pensa”.

A questão fundamental aqui: “De quem são as palavras” é fundamental na pesquisa do slogan, e podemos apontar como já fizemos anteriormente, que aquilo que pensa é exterior e é pura letra morta exercício de combinatória. Essa coisa exterior que pensa por nos pode ser o slogan ou a propaganda, na medida em que na fetichização da mercadoria as relações entre pessoas são substituídas por relações entre coisas. A despeito de qualquer julgamento consciente que façamos, quando vemos um slogan, ele pensa por nós.

Assim, para continuarmos nossa questão sobre a diferença do pensamento de Descartes e Kant, citamos Zizek:

“According to Kant, Descartes falls prey to the “subreption of the hypostasized consciousness”: he wrongly concludes that, in the empty “I think” which accompanies every representation of an object, we get hold of a positive phenomenal entity, *res cogitans* (a “small piece of the world”, as Husserl put it), which thinks and is transparent to itself in its capacity to think. In other words, self consciousness renders self-present and self-transparent the “thing” in me which thinks. What is lost thereby is the topological discord between the form “I think” and the substance which thinks...” p 13

gostaríamos de retomar nossa questão: “porque o desejo se articula na forma de uma mercadoria?” Dentro da questão de quem são palavras, podemos entender que não somos nós que compramos sim o nosso desejo é que é colonizado arrebatado ou vendido quando lê um slogan. A título da ligação entre o desejo o e a mercadoria temos o seguinte slogan que apareceu num outdoor em Ribeirão Preto:

"Você pode ate vir acompanhado mas vai sair sempre de par novo" trata-se da propaganda de uma loja de calçados.

O que podemos ver aqui? Que o leitor deve trocar o sexo pela mercadoria, trocar a relação de pessoas por uma relação de coisas. Neste ponto vale lembrar uma pesquisa feita na Inglaterra que constatou que a maioria dos ingleses prefere ir ao shopping a fazer sexo.

Aqui, como em Hegel o sujeito vira objeto e vice versa, ou seja: a definição de objeto a é aquilo que resiste a sujeitificação, pois bem o objeto pequeno a é o sujeito imaginário na sua incommensurabilidade com o que resiste a sujeitificação.

Em Hegel há um movimento entre sujeito e objeto. Se tomarmos essa questão sentido da fetichização será que não podemos inverter os termos ou seja, dizer que meu objeto é na verdade o sujeito do meu desejo?